

Rádio em Portugal (1924-1989). O Tempo e as Vontades

Rogério Santos¹

A comunicação compreende a história da rádio em Portugal nas décadas de 1920 a 1980. Faço também um excuro pela rádio de Angola até à sua independência, investigação em curso (projeto *Broadcasting in the Portuguese Empire*). O título *O Tempo e as Vontades* aponta a rádio como meio democrático mesmo em longo período de ditadura e de guerra colonial, com experimentação e vontade de transformar a realidade social. Estações, programas, géneros radiofónicos e profissionais são propostas a apresentar.

1. As primeiras décadas

No começo da rádio em Portugal, coloco CT1AA, de Abílio Nunes dos Santos Júnior (1892-1970). Industrial e burguês, ele teve fortes prazeres na vida, como automobilista e turista. No verão, encerrava a rádio e viajava de navio até aos Estados Unidos para comprar microfones e conhecer novas tecnologias. A sua estação começou em 1924 e abandonou as emissões de ondas médias em 1935 e ondas curtas em 1938, depois de a Emissora Nacional principiar a irradiar. Pelo empenho na rádio, Nunes dos Santos foi agraciado com a Comenda de Mérito Agrícola e Industrial em 1931.

A geração pioneira compôs-se de aristocratas, militares, comerciantes e curiosos pelas tecnologias, a viverem em círculos geográficos próximos. Donos e locutores das primeiras estações eram apaixonados pela música clássica, pelo que a rádio parecia uma extensão da sala pública. CT1AA tinha ligações por telefone ao S. Carlos e transmitia concertos. No primeiro domingo de maio de 1925, P1AC, outra rádio lisboeta, emitiu um programa com o quarteto da estação a tocar aberturas de peças sinfónicas. Herculano Levy, com direito a usar o nome da família e herdar a sua parcela da fortuna

¹ Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa (aposentado). Comunicação apresentada na Conferência Internacional Rádio Con:Vida, Aveiro, 1 de julho de 2019, e integrada no projeto de investigação *Broadcasting in the Portuguese Empire* [PTDC/COM-CSS/29610/2017].

após decisão de tribunal porque filho ilegítimo, foi locutor de CT1AA, crítico de arte, teatro, cinema e música, ligou-se a distribuidora de filmes e à promoção do Coliseu dos Recreios e realizou conferências sobre músicos internacionais.

As questões técnicas tinham importância, com as revistas da especialidade a editarem fotografias dos equipamentos e darem pouco relevo aos programas. A geração pioneira sofreria uma regressão aparentemente paradoxal. Após a prática da radiodifusão, alguns proprietários voltaram à radiofonia ou telegrafia. Encontro razões organizativas: a emissão diária implicava elaborar programas e rubricas em permanência. Na segunda metade da década de 1930, essa geração foi substituída por outra, com modelo duplo: a rádio como atividade lucrativa ou cultural. De um lado, comerciantes que vendiam rádios, com a estação a promover marcas de recetores que representavam em exclusivo. No Porto, Ideal Rádio vendia Philco e Rádio Porto a RCA. De outro lado, clubes de sócios em que a rádio se estendeu ao lado convivial e cultural: em Portuense Rádio Clube, a par de emissões de variedades, teatro radiofónico e desporto, houve festas dançantes aos fins-de-semana, torneios de cartas e atuações de grupos musicais. Em alguns programas contavam-se anedotas, noutros lia-se poesia. O grupo humorístico *A Voz dos Ridículos* nasceu ali. O edifício da estação tinha auditório e jardim: com bom tempo, o espetáculo decorria ao ar livre; com chuva ou frio, os sócios ficavam no auditório.

Além das pequenas rádios locais nas cidades de Lisboa e Porto, que emitiam programas de duas a três horas diárias numa só frequência, e daí chamadas *minhocas*, afirmaram-se três estações ao longo das décadas. A primeira: Rádio Clube Português, de Jorge Botelho Moniz, militar da direita política, antigo chefe de gabinete de Sidónio Pais e depois deputado, membro da Câmara Corporativa e secretário-geral da CUF, começou a emitir em 1931. Da sua oferta diária, fazia parte uma programação menos erudita e mais popular, trocando sinfonias por fado e folclore. Depois, a Emissora Nacional (Estado) em 1934 (inaugurada oficialmente em 1935) e a Rádio Renascença (Igreja Católica), em 1937. À campanha de rádios populares, com preços subsidiados pelo Estado para recetores destinados a grémios e corporações (1934-1935), sucedeu uma redução de preços dos recetores a nível mundial, talvez o primeiro objeto marcante da sociedade de consumo. Os programas da rádio ouviam-se até na rua, através das janelas das habitações, com os recetores no máximo de volume, a mostrar a prosperidade do lar.

A época durante e após a II Guerra Mundial foi de frenesim na rádio, caso da Emissora Nacional. Após os mandatos de António Joyce (1934-1935) e de Henrique Galvão (1935-1940), António Ferro (1941-1949) introduziu profundas mudanças. A acumular essa função e a de Secretário de Propaganda Nacional, depois Secretário Nacional de Informação, Ferro foi responsável pela criação do Gabinete de Estudos Musicais (1942), com encomendas de obras de música clássica, e do Centro de Preparação de Artistas da Rádio (1947), de música ligeira orquestrada. Se as orquestras da Emissora Nacional foram local de emprego de músicos saídos do conservatório, os artistas do Centro de Preparação de Artistas da Rádio, orientados por Mário Mota Pereira, oxigenaram o programa *Serão para Trabalhadores*, revelando nomes como Margarida Amaral, Simone de Oliveira, Artur Garcia e Madalena Iglésias. A música *nacionalizada* e a parte falada, com noticiários, palestras e comemorações de heróis, encaixavam-se no ideário do Estado Novo. Em 1945, a Emissora Nacional dividira a emissão em dois programas, música ligeira e música clássica, a acompanhar gostos distintos e maior número de recetores.

Era um tempo em que as rádios locais se identificavam por particularidades. Júlio Silva, de Ideal Rádio, tinha a sua rádio nas traseiras da loja de venda de eletrodomésticos. No Natal, ele desenvolvia uma agenda de caridade, pedindo para gente carenciada através de cruzadas de bem-fazer e apoio à obra dos Gaiatos. Américo Santos, de Rádio Graça, empregava a mulher e filhos na estação, popularizada pelos folhetins como *Força do Destino* (ou coxinha do Tide). A locutora Laura Moreira, do Emissor Eletromecânico, traduziria o título da canção *Lover Come Back to Me* (1928), possivelmente na versão de Evelyn Herbert, por *Amor Salta-me para as Costas*.

2. Do papel do SNI ao concurso de rainhas e reis da rádio

Destaco agora o papel do SNI e o concurso de rainhas e reis da rádio. O SPN-SNI foi ativo no fornecimento de noticiários, concursos de locutores e de peças de teatro radiofónico e censura de programas. Desde meados da década de 1940 mas com mais eficácia na década seguinte, o SNI foi agente principal em Lisboa na captação de novos locutores. Todos os anos, abria um concurso e os melhores classificados prestavam serviços nas pequenas estações, com leitura de noticiários e interpretação de teatro radiofónico, auferindo o salário mensal de 500\$00. Concluído o estágio, os que tinham

revelado mais competência recebiam convites para ficar nas estações. Alguns chegariam a locutores da Emissora Nacional, o topo das aspirações. Apesar do aumento de horas diárias de emissão, a exigir mais colaboradores, muitos dos novos locutores colmataram saídas. As condições laborais ainda não eram atraentes, mas a rotatividade de pessoal representou o refrescamento contínuo dos perfis dos programas.

Os noticiários do SNI eram a leitura de revistas de imprensa com objetivos ideológicos. Veja-se o percurso de Alfredo Pimentel. Em 1943, ele candidatou-se à secção de rádio do SPN-SNI (Porto), a garantir-lhe duas palestras ou episódios por semana por 200\$00 mensais. Uma sua proposta dividia o noticiário em leitura de artigos de opinião saídos na imprensa, notícias do país e do mundo. Nas notícias do país, ele incluiu a chegada de viagem de António Ferro, a entrega de credenciais de embaixador a Carmona e uma reunião da União Nacional. O fechamento político transparecia nesta construção.

Quanto aos concursos de rainha e rei da rádio, foram lançados no intervalo de uma década: a rainha em 1951, promovido pela revista *Flama*, e o rei em 1961, domiciliado na revista *Plateia*. Cada revista editava cupões com nomes de cantores preferidos. Testar a popularidade destes e vender mais exemplares das revistas foram os objetivos. Numa ocasião, suspeitou-se de um sindicato de votos, mas isso foi apenas empolamento de rivalidade entre artistas. Nas décadas de 1950 e 1960, as rainhas da rádio seriam Júlia Barroso, Maria de Lurdes Resende, Madalena Iglésias e Simone de Oliveira e os reis da rádio António Calvário, Fernando Farinha e Artur Garcia. Vários vencedores foram repetentes, a indicar o gosto médio do chamado nacional-cançonetismo.

A *Flama*, revista de origem religiosa, abriu espaço a rubricas dedicadas à mulher, cinema e literatura. À medida que a década de 1960 passou, a revista acentuou o cariz social, com retratos da situação portuguesa em reportagens e artigos de opinião sobre pobreza, trabalho, emigração e habitação. A revista associou-se ao lançamento do programa *Página 1*, analisado adiante. A *Plateia*, dedicada ao cinema e às artes do espetáculo, reorientou-se para um público popular, editando fotonovelas e uma secção de madrinhas de guerra quando rebentaram os conflitos armados em África.

3. Produtores independentes e propaganda anticomunista

Apesar da concorrência da televisão, a década de 1960 foi relevante para a rádio. Com o lema *Sempre no Ar Sempre Consigo*, Rádio Clube Português (programa de Lisboa)

tornou-se a primeira estação com emissão contínua (24 horas) em 1963. O seu canal de FM divulgaria as novas tendências musicais internacionais em programação singular. O programa *Em Órbita* marcou essa geração. Rádio Clube Português emergiu como a principal estação do país na década, retirando importância à Emissora Nacional. Esta última e a Rádio Renascença emitiriam sem interrupção desde 1970 e a Rádio Renascença abriu um canal diferenciado do primeiro apenas em 1987 (RFM).

Emergiu o produtor independente, a fazer o programa, angariar publicidade e contratar locutores e técnicos. Após receber o dinheiro, ele pagava à estação o aluguer do tempo de antena e lucrava com o restante. A estação ficava libertada de encargos com pessoal na organização da grelha diária. Para o final da década de 1960, Rádio Clube Português começou a reverter o impacto dos produtores independentes e a ocupar os horários vagos após cessação de contratos. Os investimentos publicitários ficaram atraentes em áreas como alimentação, detergentes, eletrodomésticos e automóveis. No lugar oposto, a Emissora Nacional tinha um quadro elevado de pessoal, incluindo orquestras, a onerar muito o orçamento anual. Pela dimensão e objetivos, à rádio pública chamo *fábrica*.

A partir de 1961, a guerra nas colónias portuguesas conduziu a maior esforço de propaganda, visível na programação da Emissora Nacional, como *A Voz do Ocidente*. Este posicionar-se-ia como espaço de propaganda por excelência, a emitir em ondas curtas em inglês, francês, concanin (língua da Índia), espanhol, alemão e italiano. A estação teve dificuldades em recrutar locutores de línguas nacionais, o que levou Maria da Paz Barros Santos, responsável pelo programa, a viagem a Londres e Paris em 1963, para conhecer estudos de audiência e contactar pessoas habilitadas em análises sobre o terrorismo. Provavelmente, ela entrevistou agentes da rede francesa de contrassubversão e espionagem de extrema-direita Aginter Presse, depois sediada em Lisboa. Houve laços entre Yves Guérin-Sérac, responsável da rede, e Jacques Ploncard d'Assac, escritor francês que viveu em Portugal, escreveu uma biografia sobre Salazar e foi colaborador regular de *A Voz do Ocidente*. Uma tentativa de assassinio de De Gaulle unia esses franceses. Perfil do programa *A Voz do Ocidente*: defesa da ditadura e exaltação do regime de Salazar como último bastião dos valores ocidentais e anticomunistas. A atividade da Aginter Presse foi desocultada após abril de 1974.

Um apontamento para aludir à emissão de duas estações estrangeiras de rádio com emissões anticomunistas para o leste da Europa: RARET, ligada à CIA, e IFA Portuguesa de Radiodifusão, fruto de aliança de radialistas da extrema-direita francesa e

espanhola, depois tornado canal de propaganda da cultura ocidental da Deutsche Welle. A RARET fazia parte da Radio Free Europe, fundada pela CIA e por Eisenhower. A Rádio Europa Livre tinha pessoal americano e alemão e a RARET americano e português. Com a missão de retransmitir pela rádio programas de propaganda anticomunista para todos os países do leste europeu exceto a União Soviética, a RARET funcionou com escritórios na avenida Padre Manuel da Nóbrega (Lisboa) e antenas em Glória do Ribatejo (Salvaterra de Magos). Ressalvo a obra de caráter social e cultural da RARET: emprego na região, escola industrial, centro de saúde e melhoria de estradas como compensação pela permanência. A RARET é um belo tipo de estudo para relacionar rádio, propaganda política e sociedade.

4. Programa *Página 1* e a censura

A Rádio Renascença seria uma estação em expansão à medida que a década de 1960 avançou. A estação tinha programas religiosos, a essência da sua fundação, mas igualmente uma política comercial de aluguer de horas. Os produtores independentes deram à rádio programas marcantes como *23ª Hora*, *Página 1* e *Tempo Zip*. Aqui, detenho-me no programa *Página 1*, a emitir desde janeiro de 1968, quase de início realizado por José Manuel Nunes, e com Adelino Gomes (jornalista), Homero Cardoso (produtor) e Moreno Pinto (técnico), este substituído depois por José Videira.

Na história do programa, considero períodos de *lançamento*, ainda a tatear uma linha editorial, *consciência política*, em 1970, com realizações fora da rádio, e *quebra*, após 1972. No período de consciência política, relevo três organizações fora do estúdio, a primeira em acampamento da juventude nas Caldas da Rainha, de parceria com a revista *Flama*. Milhares de participantes ouviram Adriano Correia de Oliveira, Fausto Bordalo Dias e José Jorge Letria. O acampamento foi vigiado por militares da GNR montados a cavalo. A segunda organização seria um festival de música pop com José Cid e Pop Five Music Incorporated em palco no colégio dos Salesianos, no Estoril, nem sequer iniciado. A Polícia de Segurança Pública invadiu o perímetro da festa e entrou na zona das arcadas do centro do Estoril e bateu em quem encontrou. Um filho do primeiro-ministro Marcelo Caetano ficou ferido. A terceira organização foi a apresentação, em direto, de discos de José Mário Branco e Sérgio Godinho em cinema em Lisboa. No palco, duas cadeiras substituíam os músicos, exilados em França, ocupadas por um

gravador de bobinas. O programa foi responsável pela divulgação do movimento dos baladeiros.

O momento mais dramático do programa, e muito marcante na história da rádio em Portugal, foi o comentário de Adelino Gomes na emissão de 5 de setembro de 1972 sobre o ataque palestino a atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique. O jornalista descreveu a estupefação mundial pela violência, mas lembrou a tragédia da ocupação e os campos de palestinos após 1967 e comparou-a aos atos americanos de bombardeamentos no Vietnã do Norte. A censura agiu de imediato e proibiu o programa (e *Tempo Zip*, de João Paulo Guerra, que reproduzira o comentário) e despedimento do jornalista (e do realizador de *Tempo Zip*). Na mesma semana, Adelino Gomes e responsáveis do programa foram recebidos por Geraldino Cardoso, diretor-geral da SEIT. Se o jornalista defendeu uma posição de equilíbrio no seu comentário, o homem do poder acusou-o de querer falar da “guerra do ultramar”. A guerra colonial obstruía qualquer pensamento crítico.

Na sequência, o jornalista foi trabalhar para a secção portuguesa da Deutsche Welle. Por razões familiares, regressou a Portugal em setembro de 1973. José Manuel Nunes, também pressionado politicamente, preencheu a sua vaga na rádio alemã. Na vigília da capela do Rato, no último dia de 1972, o produtor Homero Cardoso foi preso.

Atrás disse que as pequenas estações de Lisboa (Emissores Associados de Lisboa) e Porto (Emissores do Norte Reunidos) emitiam em frequência comum em cada cidade, repartindo os horários ao longo do dia. Tal baixou custos na transmissão, mais que na produção de programas. Ao mesmo tempo, às estações foi autorizada a publicidade, com uma contrapartida: o governo legislou a permissão a troco do silêncio sobre a campanha do candidato da oposição Norton de Matos (final de dezembro de 1948). Para mim, a primeira derrota de candidato político através dos meios eletrónicos foi a de Norton de Matos, proibido de apresentar o seu programa eleitoral na rádio. Tal foi mais evidente na campanha de Humberto Delgado, em 1958.

O interdito e proibido foram aplicados regularmente pela PIDE e pelo SNI. Lembro um programa de José Matos Maia sobre hipotética invasão de marcianos em Carcavelos. Matos Maia lera *A Guerra dos Mundos*, romance de Herbert G. Wells, no magazine policial *Gato Preto* e achou interessante a sua adaptação. A Rádio Renascença deu autorização. Por volta de 1961, Matos Maia trocou a locução naquela estação e a

direção da secção de discos na empresa Custódio Cardoso Pereira para coordenar os programas de Rádio Clube Português e formar a agência de publicidade Alvo. Ele ficaria ainda lembrado pelo programa de discos pedidos *Quando o Telefone Toca* e pelo livro *Telefonia*, a primeira história da rádio em Portugal. O problema maior foi que a emissão dos marçianos ocorreu mesmo a seguir às eleições presidenciais em que Humberto Delgado concorreu e havia o medo da revolta popular. Visto do regime: pânico através da rádio. A PIDE avisou o jovem radialista: da vez seguinte, mesmo que ele se refugiasse na Lua, a polícia ia buscá-lo e prendê-lo.

No movimento de despedimentos da rádio, destaco o do locutor e ator de teatro Rui Pedro, no começo de abril de 1974.

5. 1974 e a rádio

O golpe de Estado de 25 de abril de 1974 foi um marcador na rádio. Primeiro, com as senhas-código emitidas pela rádio. João Paulo Diniz, nos Emissores Associados de Lisboa, passou a primeira senha de rádio de apoio às forças do MFA, com a canção *E Depois do Adeus*, de Paulo Carvalho, dirigida aos quartéis até abaixo de Coimbra (limitado pela potência da rádio). Na Rádio Renascença, o programa *Limite* (Carlos Albino, Leite de Vasconcelos, Manuel Tomás e Paulo Coelho) tocou *Grândola*. Do lado de Rádio Clube Português, Joaquim Furtado leu o primeiro comunicado do MFA “Aqui, Posto de Comando das Forças Armadas”, Clarisse Guerra o comunicado das 14:30 desse dia a anunciar que os objetivos militares tinham sido alcançados e Luís Filipe Costa exclamou “Viva Portugal”. A participação da rádio foi instrumental, seguindo indicações dos militares.

O período de 1974-1975, processo de radicalizações e de saneamentos e admissões, foi de grande instabilidade. O historiador, que não é neutro mas busca a isenção, traça duas perspectivas. A posição positiva foi a de novas formas de trabalho, como as reportagens do Primeiro de Maio de 1974. Fixo-me em dois responsáveis dessas reportagens, sem esquecer o processo coletivo: Álvaro Belo Marques e João Paulo Guerra, o primeiro a coordenar o programa e o segundo os repórteres em 18 locais diferentes. A rádio deixava o formalismo do “senhor ouvinte”, como os locutores da Emissora Nacional diziam, os quais abandonariam literalmente o casaco e a gravata. A linguagem de voz grave e distante deu lugar à entrevista e, ao lido rigorosamente, sucedeu o direto e o

improvisos. Inaugurou-se a tendência de vozes populares nos noticiários e programas de reportagens com gente anónima, substituindo a hierarquia do alinhamento da importância dos atos públicos do Estado pelo registo de ações de comissões de moradores e fabris, teatro e espetáculos populares.

À perspectiva de mudança juntou-se a de ajuste de contas. Ao mudar, o poder funcionou como placas tectónicas em choque. Gerou-se algum oportunismo. No derrube do regime, os dirigentes das estações foram despedidos. Na Emissora Nacional, a presença do Estado Novo era mais flagrante. Clemente Rogeiro fazia parte das fileiras dirigentes da Ação Nacional Popular, muito próximo de Marcelo Caetano, chegou a presidente da rádio pública e, em 1973, subiu a ministro da Saúde na última rotação de ministros antes da queda do regime. Alberto Represas, também alto dirigente, com começo de vida profissional ligado a rádio identificada com os aliados no final da II Guerra Mundial, ter-se-ia aproximado do ideário da PIDE. Os outros dirigentes da estação repartiam-se por filiações na Mocidade Portuguesa e na Legião Portuguesa.

Para a Emissora Nacional regressaram os alvos de purga de 1945, que haviam assinado listas de apoio à instauração da democracia dentro do MUD. António Ferro aprovara os despedimentos mas, por falta de coragem, não assinou o despacho. Um seu sucessor fê-lo de modo implacável, em 1949. Dos mais conhecidos do grande público, Etelvina Lopes de Almeida, que trabalhou e fez programas em Rádio Clube Português como folhetins, passou a dirigir as emissões de ondas curtas com a reintegração na rádio oficial e Francisco Igrejas Caeiro, que repartia a atividade entre rádio e teatro, caso da gestão do teatro Maria Matos (Lisboa), foi promovido a diretor de programas. Etelvina Lopes de Almeida e Francisco Igrejas Caeiro foram candidatos e eleitos deputados à Assembleia Constituinte da República.

No rescaldo do golpe militar de 25 de novembro de 1975, o presidente da Emissora Nacional ordenou o encerramento da estação na rua do Quelhas e pediu à comissão de trabalhadores a abertura de inquérito. Mais de 40 trabalhadores ou colaboradores foram suspensos. A maioria foi reintegrada, mas colaboradores sem vínculo definitivo como Álvaro Belo Marques e João Paulo Guerra, entrados com a revolução de abril de 1974, não regressariam. Belo Marques foi viver e trabalhar para Moçambique, tornado primeiro diretor da televisão daquele país. Muitos desses profissionais haviam cometido erros de apreciação da realidade, radicalizando posições quase até à esquizofrenia.

O período revolucionário foi igualmente complexo na Rádio Renascença. Grosso modo, o conflito na Rádio Renascença teve dois momentos. O inicial foi a greve dos trabalhadores da estação por proibição de reportagem da chegada de exilados políticos (Mário Soares e Álvaro Cunhal). O momento seguinte foi a luta encetada por estagiários admitidos no final da primavera de 1974, recusando fazer testes psicotécnicos para entrar para os lugares. A gerência da rádio afirmou que tal estava no contrato laboral. Depressa, a discussão laboral passou a questão político-partidária. Um grupo de profissionais apoderou-se dos estúdios da estação em Lisboa, alterou a programação e abandonou a filosofia da estação católica. A seu lado, tinha a maioria dos trabalhadores, como os sacerdotes que produziam os programas religiosos. Antes de a estação silenciar na greve de fevereiro de 1975, um dos padres leu uma declaração sobre o significado da luta. Emocionado, afirmou que a Igreja Católica estava a lavar as mãos como Pilatos. Aí, incluía a gerência da estação e os bispos, posição que produziu forte impacto no patriarcado.

O grupo ocupante foi-se reduzindo e os profissionais de Lisboa reaproximaram-se das posições da gerência. Ao longo de 1975, a luta agudizou-se, até que uma bomba silenciou o emissor da Buraca e a rádio ficou impedida de emitir de Lisboa. A emissão a partir de Porto era afeta à gerência. Na sequência do golpe militar de 25 de novembro de 1975, os elementos do grupo ocupante foram despedidos.

O passo seguinte foi o da nacionalização da rádio (2 de dezembro de 1975), justificada por uma perspetiva técnica. Portugal devia reduzir o número de emissores para permitir os interesses de países do norte de África. A explicação escondeu uma falácia, pois um governo nunca toma medidas técnicas mas políticas. A redução dizia respeito a ondas médias, tipo de emissão a perder importância, dado que as estações tinham já adotado a FM, que não constituía problema internacional. A Rádio Renascença negociou forte para não ser envolvida na nacionalização, com o cardeal a ameaçar com a concordata assinada entre Portugal e a Santa Sé. A razão mais forte da nacionalização fez-se para calar os locutores e jornalistas da rádio identificados com o Partido Comunista. Isto não era, contudo, verdade. Na rádio, os comunistas eram uma minoria. Ironicamente, a estação que mais perdeu foi Rádio Clube Português, considerada a estação da liberdade, de onde tinham partido os comunicados do movimento militar vencedor em 1974. Com a nacionalização, ficou um duopólio (Emissora Nacional, depois RDP em 1976, e Rádio Renascença), um significativo empobrecimento do panorama radiofónico do país.

Os gestores da rádio aperceberam-se disso. A RDP permitiu o surgimento de um canal, depois chamado Rádio Comercial, com publicidade e orientação para públicos jovens. A Renascença ocupou o lugar da rádio para as camadas mais populares de ouvintes, que tinham perdido os Emissores Associados de Lisboa e Emissores do Norte Reunidos (Porto), ganhando a liderança de audiências.

6. Rádios livres ou piratas

Cerca de seis ou sete anos depois, iria nascer o período talvez mais rico da história da rádio em Portugal, através do movimento das rádios livres (1982-1988). Este novo momento da rádio justificou-se por razões políticas (aspirações de grupos sociais e regionalistas), maior acessibilidade tecnológica e facilidade financeira. À fase inicial, a do entusiasmo dos jovens empreendedores da rádio, seguiram-se interesses do poder local, coletividades de cultura e recreio, associações industriais, comerciais, sindicais, empresariais e políticas. Diversos projetos possuíam boas estruturas profissionais, técnicas e empresariais e assumiram o papel de rádios autónomas. No todo, foi um período de experimentalismo e contracultura, dois elementos que eu aprecio muito.

Em 1984, na conferência mundial das radiocomunicações, Portugal ganhara três novas frequências de cobertura nacional em FM. Dessas, o governo de então fez a atribuição política de duas licenças. A licença à Renascença (RFM) servia para ganhar a Igreja Católica a causas do governo (coligação PS-PSD). Para não tornar isto tão óbvio, outra licença foi dada à rádio pública (Antena 3). No centro das decisões, Anselmo Rodrigues, secretário de Estado do ministério PS-PSD (Mário Soares) e do seguinte (Cavaco Silva). Em dezembro de 1986, o parlamento pretendeu reverter o diploma. Mário Soares, entretanto empossado como presidente da República, vetou. O seu argumento foi de as leis não poderem servir de pretexto para dividir os portugueses, a merecer o apoio na direita parlamentar e estranheza no PS, liderado por Vítor Constâncio, sucessor de Soares. Como o parlamento confirmou a posição de reversão da atribuição das frequências, definiram-se duas posições fortes. Do lado da esquerda, defendia-se a posição do parlamento: estavam a nascer as novas rádios (livres), que podiam concorrer a três licenças nacionais e não apenas a uma. Do lado da direita, enfatizou-se a posição do grupo de rádio perder a licença, a Rádio Renascença. Houve quem falasse em guerra religiosa a propósito de movimento que queria retirar essa

frequência nacional, mas prefiro enquadrar a luta no âmbito político e económico. Embora distinto do problema de 1974-1975, com a ocupação dos estúdios da Rádio Renascença (Lisboa), parecia repetir-se a disputa. Entretanto, o governo caiu e o parlamento mudou para uma maioria de direita política, a apostar apenas no concurso das rádios livres.

O processo de candidaturas revelou um país desigual, com propostas em excesso em concelhos do litoral. Apesar de, no final, interesses económicos e políticos triunfarem, algumas manifestações sociais e culturais fizeram das experiências das rádios locais um grande fenómeno do meio. Primeiro, porque o âmbito do surgimento de projetos aconteceu a nível nacional e em simultâneo, nunca verificado antes. As rádios nasceram a partir da vontade popular de indivíduos jovens, letrados e de condição social elevada que não se reviam nas propostas radiofónicas existentes. O perfil das rádios livres foi dado pelas reportagens de festivais e encontros locais, divulgação de correntes musicais internacionais como jazz e linguagem informal e irónica em algumas estações. Os animadores de muitas das estações livres faziam uma cultura desafiante. Sem ser exaustivo, recordo António Colaço (Rádio Antena Livre), Américo Mascarenhas (Rádio Livre Internacional) e António da Silva Oliveira (Rádio Caos).

7. Géneros radiofónicos

A rádio criou diversos géneros de programas, como programas infantis, discos pedidos, teatro radiofónico, variedades e concursos, relatos desportivos e noticiários. Dos programas infantis e juvenis recordo os nomes de José Oliveira Cosme e Odete Saint-Maurice. Música, poesia, contos e revelação de pequenas estrelas marcaram um período ainda ingénuo da rádio, porque se acreditava como função a sua complementaridade à escola. Dos discos pedidos, o já citado *Quando o Telefone Toca*, em que o ouvinte pedia um disco, dedicava-o à namorada, amigos ou família e obrigava-se a repetir uma frase publicitária. Nas estações com menos investimentos publicitários, o pedido funcionava como receita da rádio. Aqui, há uma relação com festas de verão em algumas vilas: o radialista montava ao domingo um sistema sonoro na praça e passava música de dançar com dedicatórias dos presentes. O baile podia ser transmitido em simultâneo pela rádio.

O teatro na rádio apareceu logo nas emissões iniciais. Em agosto de 1934, na ainda experimental Emissora Nacional, representou-se *A Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas.

Muitas peças adaptaram-se de representações do Teatro Nacional. Numa primeira fase, a estação pública deu relevo particular ao repertório de autores portugueses dentro do espírito do Estado Novo, depois alargado a outros autores, mas com restrições ideológicas. A transmissão de grandes romances na Emissora Nacional começou em 1950, com *As Pupilas do Senhor Reitor*, superprodução com adaptação de Adolfo Simões Müller, realização de Jorge Alves, música original de José Belo Marques e intérpretes de teatro como Samuel Dinis, Estêvão Amarante, Vasco Santana e Adelina Campos. Apesar deste investimento, os romances históricos mais ouvidos pertenciam a Rádio Clube Português, pela simplicidade de assuntos e nível elevado de montagens. A definição de teatro radiofónico incluía o *folhetim*, muito popular. Recordo dois folhetins: *A Força do Destino* ou a coxinha do Tide (1955-1956) e *Simplesmente Maria* (1973-1974), o primeiro a contar a história de amor entre uma mulher coxa e o médico que a operou com sucesso, o segundo a narrar o êxito de mulher da província, que, na capital, conseguiu erguer um império da moda a partir de uma só máquina de costura. Cada folhetim tinha mais de cem episódios, emitidos durante quinze minutos diários a seguir ao almoço ou a meio da tarde e com o público feminino como alvo principal.

Mais voltado para o público masculino, o desporto foi um género sempre forte na rádio, com as modalidades de futebol, ciclismo e hóquei em patins, as duas primeiras em termos de competição nacional e a última em provas internacionais. O regime aproveitou politicamente o desporto pela ideia de multiracialidade: a influência de jogadores moçambicanos na equipa nacional de hóquei em patins e o também moçambicano Eusébio no futebol. Os relatos de futebol ao domingo de tarde foram a maior área de intervenção dos locutores. Até meados da década de 1930, o altifalante na via pública concorria com a rádio na transmissão de eventos como concertos, discursos e relatos de futebol. Após o lançamento oficial da Emissora Nacional (1935) e do campeonato nacional de futebol na época de 1938-1939, acentuou-se o entusiasmo da rádio pelo desporto. De início, os clubes não deram acesso às transmissões, temendo a ausência de espectadores no estádio. Permitiu-se apenas um resumo da primeira parte e transmissão da segunda parte.

Era uma época em que locutores e técnicos faziam os relatos junto à linha lateral, ao vento, frio e calor. Numa fotografia icónica de princípios de 1943, o locutor Alfredo Quádrio Raposo estava sentado em cadeira pouco confortável, com microfone de peito e sem auscultadores, talvez a apresentar os nomes dos jogadores. Ao lado, o operador de

som, com auscultadores, controlava a mala técnica e mexia em botões e manípulos para melhorar a qualidade do som. No chão, uma bateria semelhante às dos automóveis garantia a eletricidade para a transmissão e um rolo de cabo telefónico para ligar o equipamento ao exterior. O locutor e o sonoplasta usavam fato e gravata e os auxiliares fato-macaco e gravata, códigos de vestuário a marcar níveis profissionais.

Nas primeiras décadas da rádio, houve diversos modelos de noticiários radiofónicos: o da Emissora Nacional, oficial e seguidor da agenda do presidente do Conselho em termos de atividades já realizadas, o da Rádio Renascença, de leitura de notícias publicadas nos jornais, e o das rádios locais de Lisboa e Porto, com serviço do SNI. Após abril de 1974, o noticiário abandonou a hierarquia do alinhamento dos atos públicos das entidades do Estado e passou para o registo de ações populares: comissões de moradores, comissões fabris, teatro e espetáculos de rua. A reportagem seria o género noticioso preponderante, a que se juntaram diretos e entrevistas.

Antes, na transição da década de 1950 para a seguinte, em Rádio Clube Português nascera o *Repórter Mabor*, noticiário síntese aos dias de semana (14:00-14:05), cópia do noticiário brasileiro *Repórter Esso*. A coincidir com a mudança de estúdios da Parede para Lisboa (1960), a estação criou um sistema de noticiários de três minutos, de hora a hora, com Luís Filipe Costa como principal obreiro e com redação própria. O jornalista que escrevia as notícias era o que as lia ao microfone, novidade na rádio. A publicidade emitida, no período antes e depois dos noticiários, tornou-se a mais disputada e cara, com a informação a passar a espaço nobre da emissão das estações comerciais.

Dedico atenção aos programas de humor, onde realço a importância de grupos como os Parodiantes de Lisboa, uma grande empresa no começo da década de 1970, e A Voz dos Ridículos (Porto), grupo amador ao longo de décadas.

8. Notas finais

Deixo agora cinco notas telegráficas, sem tempo para falar delas em profundidade. Mas relevo as suas vontades. A primeira é sobre biografias individuais. Estudei Fernando Curado Ribeiro, ator de teatro e cinema, autor de livros sobre rádio e locutor e realizador de rádio, e Rogério Leal, responsável pela instalação da antena da Emissora Nacional no Palácio de Cristal (Porto, 1939) e intendente (responsável máximo da

estação no Porto), onde acompanhou a criação de estúdios na rua de Cândido dos Reis e emissor da Azurara (1954) e a aquisição dos Emissores do Norte Reunidos pelo Estado (1971). Ele foi ainda gerente de Rádio Triunfo, a primeira fábrica fonográfica do país.

Em segundo lugar, sou cauteloso ao explicar alterações sociais, culturais e tecnológicas. Prefiro destacar mudanças com continuidade e não rupturas absolutas. A emissão por feixe hertziano foi inovadora mas apropriou-se da cultura prévia. CT1AA, estação experimental em 1923 e a emitir com regularidade no outono de 1924, representou a evolução face à telegrafia e à radiofonia. O código morse e o telegrama resultaram de tecnologias e serviços. A migração para a radiofonia deu-se com a introdução do microfone para comunicar a voz. Desta para a radiodifusão, introduziu-se a transmissão de música. Nas estações pioneiras, emitia-se em direto, por falta da tecnologia de registo e, por isso, da montagem, uma característica principal do meio.

Em terceiro lugar, olhei a história da rádio, em textos anteriores, como sucessão de períodos. No presente, sem ignorar as razões das etapas, destaco temas (SNI e censura, noticiários e outros géneros radiofónicos, concursos, produtores independentes e movimento de rádios livres), realço personalidades e entidades e relaciono a rádio com a sociedade.

Como penúltima nota, a rádio nas antigas colónias portuguesas em África, estudo em curso (BiPE, *Broadcasting in the Portuguese Empire*). Em Moçambique, Rádio Clube de Moçambique teve o quase monopólio de rádio. O programa B, em língua inglesa, tinha como alvo a África do Sul, com enorme retorno publicitário. Em Angola, cada cidade tinha um rádio clube, associação social e cultural com receitas publicitárias do comércio e da indústria locais, festas, tómbolas e dedicatórias em discos pedidos. Ainda em Angola, a colónia teve uma Emissora Oficial, iniciada em 1951, quando a legislação alterou a designação de colónia para província ultramarina. Colónia era termo em descrédito depois do final da II Guerra Mundial e das independências da Índia e da Indonésia. A Emissora Oficial adquiriu maior projeção após começo da guerra em Angola em 1961. Mais tarde, em 1968, passaria a alcançar todo o território, enquanto nascia a Voz de Angola, falada em línguas nacionais e com música africana, pois importava conquistar colonos e africanos para a causa do império. Destaco ainda a Rádio Ecclesia, Emissora Católica, com os programas comerciais de maior importância na rádio angolana: *Luanda*, de José Maria Pinto Almeida, e *Café da Noite*, de Sebastião Coelho. A biografia deste último é fascinante: preso pela PIDE em 1963 como agente

subversivo, fez os primeiros programas em línguas nacionais: *Cruzeiro do Sul*, em umbundo (1960) e *Tondoya Mukina o Kizomba (Há uma Festa em Nossa Casa)*, em quimbundo (1964), patrocinados por uma empresa cervejeira. A minha tese, muito pouco ortodoxa, é que as cervejas Cuca e Nocal, pelo apoio publicitário a programas de rádio, fizeram mais pela divulgação da nova música angolana que as emissões dos movimentos de libertação.

Assinalo ainda que muitos profissionais, apesar de ditadura e com guerra colonial em grande parte do período em análise, usaram a rádio como meio democrático. Aqui, presto a minha homenagem. O exemplo dos radialistas João Paulo Guerra, Francisco Igrejas Caeiro, José Manuel Nunes e Adelino Gomes em Portugal e Sebastião Coelho e Leonel Cosme em Angola foram exemplos de homens generosos e que viram carreiras ameaçadas com prisão, exílio e destruição de obra literária, mas persistiram com as suas ideias. E ainda mulheres como Etelvina Lopes de Almeida e Joana Campina Miguel, despedidas pela Emissora Nacional, com a última a refazer a vida profissional em Angola.